

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ANA JÚLIA OLIVEIRA LIMA

**Adolescer na pandemia: desafios e  
possibilidades**

Uberlândia

2022

**ANA JÚLIA OLIVEIRA LIMA**

**Adolescer na pandemia: desafios e possibilidades**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Marciana Gonçalves Farinha

Uberlândia

2022

**ANA JÚLIA OLIVEIRA LIMA**

**Adolescer na pandemia: desafios e  
possibilidades**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Marciana Gonçalves Farinha

Uberlândia, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

Banca examinadora:

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marciana Gonçalves Farinha (orientadora)**

Universidade Federal de Uberlândia

---

**Pro<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Karine Santana de Azevedo Zago**

Universidade Federal de Uberlândia

---

**Pro<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tatiana Benevides Magalhães Braga**

Universidade Federal de Uberlândia

## Agradecimentos

Chegar até o momento de conclusão da universidade sempre foi um sonho, e perceber que ele está cada vez mais próximo de ser realizado me causa um misto de sensações. Devo essa vitória a uma série de pessoas, e já deixo minhas desculpas àquelas que por acaso eu venha a esquecer.

Em primeiro lugar agradeço à minha avó Maria Joana, minha única avó, quem me ensinou muito sobre a força da inteligência e a capacidade de uma mulher em nossa sociedade. Também agradeço à minha falecida avó Antônia, que não pude conhecer, mas que também me ensinou através das histórias que conheci sobre ela. Sem dúvidas uma das minhas grandes apoiadoras foi minha mãe, Gleici, que sacrificou muito de sua vida em razão das filhas, e me mostrou que tudo é possível quando se tem o amor. Também agradeço meu pai, Mário, que esteve ao meu lado durante a graduação e sempre traçou a graduação como o primeiro passo de uma grande vida. Um agradecimento especial a Gabriela, minha irmã do meio, uma grande apoiadora e incentivadora das minhas ideias e propósitos. Ao meu tio Elibério, a primeira pessoa de toda a família a ingressar em uma universidade pública, e que semeou em mim a vontade de ocupar esse espaço. É por sua paixão que estou aqui, e pude viver momentos inesquecíveis na graduação. Às minhas tias e tios, Sílvia, Alessandra, Hebert e Giovani, que acompanharam meu crescimento e me apoiaram em momentos essenciais. À minha madrastra Mônica e minhas irmãs Ágatha e Antônia, pessoas que amo muito e fazem minha vida ter mais sentido.

Também devo esse trabalho às minhas amigas e amigos, que se fizeram presente dentro e fora da graduação, e puderam me proporcionar momentos de risos e choros, servindo de apoio e me fazendo também parte de suas vidas de uma forma especial. Um agradecimento especial a Natália Kathyleen, Yasmin e Jéssica, que viveram comigo momentos de grandes desafios. Um agradecimento especial a Pâmela, Juliana, Deniel, Rafaella, Victor, Amanda e Queila, que fizeram meus dias mais leves e esperançosos durante todos esses anos da graduação.

Por fim, também devo um agradecimento especial a todos os que me acompanharam na minha jornada educacional. Muitos não possuo contato, mas levo com grande afeto três professoras que marcaram para sempre a minha vida desde o ensino médio: Giuliana, Gisele e Leandra. Na graduação, também tive o imenso

prazer de encontrar grandes mulheres, que me inspiraram a querer ser cada vez melhor naquilo que faço. Um agradecimento especial à minha orientadora, Marciana, que sempre me entendeu e me apresentava alternativas para seguir da melhor forma possível frente aos meus desafios. Também agradeço à Karine, uma professora que considero minha mãe da faculdade. Até hoje agradeço por nosso encontro e pela oportunidade de ter alguém tão especial em minha vida. Devo minha caminhada até aqui a muitas outras professoras, que não marcaram somente a minha vida, mas se fazem presente em minhas memórias, e espero que durante um bom tempo: Eliane, Tatiana, Fabíola, Lígia, Cirlei, Cláudia, Heila, Anamaria, Juçara, Pricila, Áurea, Neftali, Renata. Devo a essas profissionais toda a ética e respeito que aprendi através de seus ensinamentos.

Todos esses encontros me proporcionaram uma nova perspectiva de mundo, e com certeza são parte da pessoa que me tornei até esse momento. Espero ser capaz de deixar a todos orgulhosos ao longo da minha vida, e que possamos nos encontrar em outros momentos, seja dentro ou fora da graduação. Com certeza, todos estarão em meu coração.

## **Adolescent in the pandemic: challenges and possibilities**

**Abstract:** The study seeks to understand the experience of adolescents during the covid-19 pandemic. Based on a qualitative action research methodology, we sought to understand, through therapeutic groups, the feelings and experiences of adolescents through online chatting circles. The adolescents brought up themes related to the search for identity, remote teaching, social distancing, and the importance of the online group as a therapeutic space. In front of the groups, a place was seen as essential for the adolescents to be able to talk about what anguished them. Therefore, there is a need for greater inclusion of the topic "mental health" in school discussions, new studies aimed at understanding the impacts of group work with adolescents, in addition to the difficulties faced by them during the pandemic period.

**Keywords:** Adolescents; mental health; pandemic; covid-19.

## **Adolescer na pandemia: desafios e possibilidades**

**Resumo:** *O presente estudo busca entender a vivência de adolescentes durante a pandemia de covid-19. Partindo de uma metodologia de pesquisa-ação de caráter qualitativo, buscou-se entender, através de grupos terapêuticos, os sentimentos e vivências de adolescentes através de rodas de conversa on-line. Os adolescentes traziam temas relacionados à busca pela identidade, ao ensino remoto, ao distanciamento social, e à importância do grupo on-line como espaço terapêutico. Diante dos grupos, viu-se como essencial um lugar para que os adolescentes pudessem conversar sobre o que os angustia. Por isso, há uma necessidade de maior inclusão do tema "saúde mental" nas discussões escolares, novos estudos visando compreender os impactos do trabalho em grupo junto a adolescentes, além das dificuldades enfrentadas por eles durante o período pandêmico.*

**Palavras chave:** *Adolescentes; Saúde mental; Pandemia; covid-19.*

A pandemia da covid-19 é considerada um caso de crise sanitária, pelo alto nível de contaminação e contágio alcançado pelo vírus (Schmidt et. al., 2020). Diante desse novo contexto, a vida passou a ser experienciada de uma outra forma, com o fechamento de espaços públicos e a restrição de circulação das pessoas (Oliveira et. al., 2020).

Nesse contexto, o Brasil ainda vive um momento delicado, com uma liderança federal que atacou - e ainda ataca - os meios de comunicação e a ciência brasileira, sendo o seu governo conhecido pela sua política de transmissão do vírus (CEPEDISA USP, 2021). Gerou-se assim um clima de instabilidade política que se estende até os dias atuais, promovendo na população sentimentos de medo, raiva, incerteza e insegurança (Garrido & Rodrigues, 2020; Henriques & Vasconcelos, 2020).

Dentre as indicações para garantir o cuidado preventivo em relação à saúde mental no distanciamento social está o uso moderado de redes sociais e jornais informativos, atenção frente a notícias falsas ou sensacionalistas, práticas de atividade física e meditação, e momentos de lazer e de contato com a família durante o distanciamento social (Garrido & Rodrigues, 2020; Schmidt et. al., 2020).

Ademais a esses cuidados, é importante pensar que o poder público tem a necessidade de investigar quais as reverberações psicológicas da pandemia, e intervir em ações que previnam o surgimento de sintomas graves ou o agravamento de problemas pré-existentes (Faro et. al., 2020). Dentre as intervenções possíveis, a terapia grupal se mostra uma boa alternativa, ao aproximar, mesmo que de forma on-line, aqueles que vivem e sofrem com o distanciamento social, promovendo uma simbolização e compartilhamento das vivências do momento (Sola et. al., 2021; Vivenzio et. al., 2022).

Vê-se necessário voltar a atenção para os impactos psicológicos que essa nova situação gera na população (Faro et. al., 2020; Oliveira et. al., 2020; Schmidt et. al., 2020). Apesar de não serem uma população de risco físico da doença, os adolescentes são fortemente afetados emocionalmente em situações de crise e emergência (Oliveira et. al., 2020).

Por serem disponibilizadas on-line, as medidas de prevenção em saúde mental não são acessíveis a adolescentes de camadas mais desfavorecidas da sociedade, visto que há a necessidade de acesso a materiais informativos e dispositivos de cuidado on-line. Esses fatores fazem com que essa parcela da

população fique mais exposta aos riscos da covid-19 (Garrido & Rodrigues, 2020).

Legalmente a adolescência é vista a partir de um marco etário, ou seja, dos 12 aos 18 anos (Lei nº 8.069, 1990). Ainda sim, há o entendimento da adolescência a partir da compreensão de que a fase é uma construção social, considerando a faixa etária de 10 a 24 anos (Oliveira et. al., 2020).

A Gestalt-terapia entende o processo de desenvolvimento humano a partir de uma perspectiva relacional, onde são considerados o ambiente que o sujeito vive e as interações que ocorrem nele, além dos diversos atores presentes em sua vida. Assim, a adolescência deve ser entendida sendo considerados todos os condicionantes presentes, como as relações significativas, o contexto social e econômico, e a forma como foram vividas as fases anteriores de desenvolvimento (Baroncelli, 2012).

Considerando o contexto social contemporâneo, a adolescência é marcada por grandes transformações físicas e psicológicas, sendo um tempo de novas experiências, em uma busca por situações sociais com os seus pares e o contexto extrafamiliar. Essas alterações afetam o sujeito de tal forma, que provocam uma modificação de sua postura diante do mundo e de si mesmo (Figueiredo et al., 2021; Oliveira et. al., 2020; Zanella & Zanini, 2013).

As medidas de segurança adotadas para evitar o avanço do vírus afetam além dos fatores psicológicos, os cognitivos dessa população (Figueiredo et al., 2021). Mesmo assim, ainda não é possível saber sobre as consequências das medidas sanitárias frente à covid-19 em adolescentes, visto que os resultados só podem ser encontrados a longo prazo (Oliveira et. al., 2020). Sabe-se que há o aumento do número de adolescentes com sintomas de ansiedade e depressão, e uma maior propensão a desenvolver problemas psicológicos nesse contexto (Hsieh et. al., 2021; Oliveira et. al., 2020).

Dentre os agravantes em saúde mental, houve o fechamento das escolas, e por isso a adoção do ensino remoto (Singh et al., 2020). A escola é um espaço importante para adolescentes e crianças. No movimento de encontro com os seus pares, é nesse espaço que o jovem consegue desenvolver suas habilidades e garantir um repertório social que será usado na vida adulta (Papalia & Feldman, 2013).

Mesmo com a disponibilização do ensino remoto emergencial, a adesão a



esse modelo pode ser prejudicial para o grupo dos estudantes em geral, principalmente pelas adaptações a essa modalidade de ensino, que pode se tornar mais difícil em razão de fatores econômicos e sociais. Dessa forma, os adolescentes podem sofrer com dificuldades de aprendizagem nesse período, o que pode levar a sentimentos de tédio e frustração (Singh et al., 2020).

A partir disso, é possível inferir, que o distanciamento social e o fechamento das escolas pôde ser um fator negativo para o desenvolvimento dessa população. O impacto para essas pessoas deixa de ser somente na área da saúde física, e influencia fatores emocionais e psicológicos importantes para esse estágio da vida. Em razão da singularidade desse período, o cuidado terapêutico deve considerar esses fatores (Baroncelli, 2012).

Fica nítido que a situação pandêmica influenciou diretamente no ser adolescente. O distanciamento social provoca uma ruptura daquilo que é próprio dessa fase, visto que o sujeito necessita trocar a aproximação com seus pares, por uma convivência intensa com a família, indo de encontro ao que é comum na adolescência (Zanella & Zanini, 2013).

Diante do que foi apresentado, esse estudo buscou compreender o fenômeno do processo de adolecer durante a pandemia de covid-19. Visto a importância das interações sociais e o risco de exposição dos adolescentes às angústias do momento pandêmico, também teve como objetivo oferecer um espaço de cuidado e escuta para os participantes da pesquisa.

### **Método**

O presente estudo é de caráter qualitativo. Não se pretende prever ou explicar o fenômeno, o enfoque está na capacidade dos sujeitos do estudo de serem atores de sua vida e produzir suas interpretações relacionadas à lógica social presente nos contextos, situações e experiências (Ollaik & Ziller, 2012; Zanten, 2004). Foi realizado pautado na metodologia da pesquisa-intervenção, onde se busca questionar os princípios cristalizados nas instituições, e não é construído antes ou após, mas durante o processo da pesquisa (Rocha & Aguiar, 2003).

### **Participantes**

Uma professora de Psicologia formou um grupo com dois estagiários e duas alunas assistentes de pesquisa, a fim de propor um espaço de cuidado em saúde

mental em uma escola da rede pública estadual, localizada em uma cidade do triângulo mineiro. O público alvo da intervenção foram alunos do ensino médio da instituição, com idade variando entre 14 e 18 anos.

### **Instrumentos**

Nomeou-se a intervenção como “Papo Reto”, e para sua divulgação, foram utilizadas as redes sociais *Instagram* e *Whatsapp*. A realização de grupos on-line se tornou a melhor opção para a promoção da saúde mental nesse espaço, já que não era possível uma intervenção no espaço físico da escola. Além disso, esse momento visava proporcionar uma aproximação entre os adolescentes e colegas que muitos não viam há cerca de um ano.

A fim de manter os princípios éticos de pesquisa, a priori foi disponibilizado um formulário para aqueles que tivessem interesse em participar das intervenções grupais. Para promover uma maior adesão à intervenção, a equipe coordenadora foi incluída nos grupos de *Whatsapp* formados por alunos e professores do ensino médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para a realização das rodas de conversa, foi escolhida a plataforma *Google Meet*.

### **Procedimentos**

No dia e horário de cada encontro, os coordenadores grupais enviavam por *Whatsapp* as informações sobre o projeto, convidando os alunos para que comparecessem às reuniões. Foi adotada a plataforma *Google Meet*, visto que os alunos já a usavam para a realização de atividades escolares, e por isso possuíam maior familiaridade com ela. Todos os encontros tiveram duração de noventa minutos. Foram realizados ao todo 16 encontros, entre os meses de abril e junho de 2021. Os grupos eram em formato de roda de conversa, com temas trazidos pelos participantes.

Os temas trazidos pelos adolescentes foram: timidez, ansiedade, relacionamentos, convívio familiar, saudade, ex amor, cansaço, LGBTfobia, faculdade, entre outros. Dentre esses, seis encontros foram temáticos, abordando temas como: orientação profissional, luto, ansiedade, gênero, e um encontro de despedida com tema de festajunina - pois as atividades foram encerradas em junho. Os temas dos grupos temáticos foram trazidos pelos alunos, quando questionados sobre o que achavam interessante aprofundar em suas conversas.

Em todos os grupos, era ressaltada a disponibilidade da equipe coordenadora para acolher possíveis angústias que surgissem ao longo das rodas de conversa. No início das intervenções, foi solicitado aos alunos menores entre 12 e 18 anos a autorização dos pais para participar dos grupos, por meio de assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Todos os jovens participantes menores de 18 anos tiveram a autorização para participar da intervenção, explicitando não terem nenhuma objeção quanto à pesquisa. Aqueles maiores de 18 anos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Esse estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), CAAE 39362420.7.0000.5152. Todos os aspectos éticos foram preservados pela equipe pesquisadora, como o sigilo e segurança dos participantes. Visando isso, os nomes dos participantes foram alterados nos resultados deste estudo.

## **Resultados**

Nos 16 encontros realizados, obteve-se a presença de 73 pessoas, alcançando média de quatro a cinco participantes em cada grupo. Cada participante frequentou cerca de três grupos. Os participantes mais frequentes eram do sexo feminino, com prevalência de alunos do 1º e 3º anos do ensino médio.

Diante dos conteúdos abordados ao longo da intervenção, foi possível elencar três categorias principais trazidas pelos adolescentes: identidade, ensino remoto e suspensão das aulas presenciais, e a importância das intervenções grupais para esse público. A partir desses dados, é fundamental entender as falas trazidas pelos adolescentes, e sua relação ao período considerado como um dos mais desafiadores na vida do sujeito.

## **Discussão**

### **Identidade: encontros e desencontros**

Diante das intervenções em grupo, muitos adolescentes relataram o processo de consolidação de sua identidade como um período complicado. Uma das alunas, Bel, relatou ser muito frustrante ver que não se encaixava às expectativas sociais que recebia, sob vários aspectos, pois não conseguia lidar com a pressão estética, além da personalidade, princípios e valores desejados pela sociedade. Diante disso, se sentia frustrada, invadida e invalidada quando não conseguia se encaixar.

Na adolescência a identidade aparece como um importante fator de passagem para a vida adulta, e sua conquista não é fácil, pois o sujeito trava diversas batalhas consigo mesmo e com o ambiente. A conquista do pensamento abstrato e a capacidade de pensar de forma mais complexa garantem ao adolescente a capacidade de encarar a realidade, e isso pode ser vivido de forma assustadora (Baroncelli, 2012; Zanella & Antony, 2016).

Assim, na busca de desenvolver sua identidade, há um movimento de distanciamento das figuras de autoridade ou parentais, e a externalização dos valores e normas adquiridas durante a infância. É por esse motivo que a adolescência é caracterizada como uma fase da rebeldia, pois muitos adultos não entendem o movimento do adolescente, e se ressentem ao serem confrontados diante de seus próprios valores, principalmente os pais ou outras figuras de autoridade (Zanella & Antony, 2016).

A fala de Bel mostra relação com os conflitos vividos durante esse momento, quando há uma busca pelo pertencimento em algum grupo, e o adolescente vive a sensação de que não se encaixa completamente em nenhum dos que vê disponíveis. Além disso, também nos informa sobre uma dificuldade de lidar com as expectativas sociais que impactam os sujeitos, e que buscam sempre corresponder à ideologia dominante (Cremer, 2015).

Outro aspecto trazido pelo grupo foi a questão da sexualidade. Em uma roda de conversa, uma aluna de 15 anos, Ângela, contou que ao completar 13 anos assumiu para a família que era bissexual, e pela religiosidade dos familiares, a sua revelação causou um abalo em sua família, principalmente para mãe, que chegou a falar que ela não era uma mulher. Ainda falou que muita gente a julgava, e ainda aos 15 anos sua família e a mãe não a aceitavam. Em razão das diferenças culturais existentes entre as gerações, os pais podem não entender comportamentos e características dos filhos e, muitas vezes, adotarem atitudes repressivas ou controladoras diante dessas questões, como é o caso da orientação sexual (Zanella & Antony, 2016).

Após a fala de Ângela, Bel contou ao grupo ser bissexual, informando que ainda não se assumiu para a família por medo da reação deles. Esse sentimento surgiu pois seus pais eram muito religiosos, e não sabia como eles iriam tratá-la caso contasse a eles. Apesar disso, ela dizia se sentir mais segura em relação à mãe, já que seu pai constantemente realizava piadas preconceituosas. Diante da

impossibilidade de apoio da família, a adolescente relatou buscar apoio de amigos e primos, o que a deixava mais tranquila em relação à sua orientação sexual.

Mesmo diante dos relatos, outras participantes - Simone e Helena, trouxeram uma reflexão sobre a importância de entender a dificuldade dos pais em lidar com uma orientação sexual que fuja da "normalidade". Assim, o espaço do grupo também foi importante para estender um olhar compreensivo em relação aos pais, apresentando a possibilidade de eles entenderem e aceitarem as características dos filhos ao longo do tempo.

Os familiares aparecem nos grupos como figuras importantes, e que muitas vezes oferecem apoio ao sujeito, ao mesmo tempo que não conseguem lidar com as mudanças ocorridas na vida dos adolescentes. Há uma dificuldade de adaptação dos pais em relação à nova versão do filho, que ocorre durante a adolescência (Fernandes, 2013). Visto a impossibilidade de apoio familiar, esses indivíduos buscam grupos de amigos como fonte de suporte nesse momento.

Em outro encontro, Nanci, Carolina e Valeska, trouxeram questões sobre a LGBTfobia, e discutiram durante esse momento suas angústias diante desse fenômeno, mesmo que nenhuma das participantes relatasse fazer parte dessa comunidade. As principais falas trazidas foram: "muito triste pensar que várias pessoas matam as outras em razão da homofobia" (Nanci), "é horrível quando os parentes falam mal de alguém em razão da sexualidade" (Carolina) e "pessoas preconceituosas 'passam pano' para isso" (Valeska) - explicitando a dificuldade de respeitar pessoas que relevam comportamentos discriminatórios.

Esse grupo, que contava com participantes de 17 e 18 anos, trouxe diversos questionamentos e reflexões sobre as bases da LGBTfobia e possíveis formas de evitar que esse preconceito fosse reproduzido. Essas falas podem ser compreendidas pela capacidade de pensamento consciente (Zanella & Antony, 2016) e crítico do adolescente.

Outra questão identitária importante trazida pelos grupos foi a relação entre o *bullying* e o processo de autoestima dos jovens. O contato com o outro e a sua alteridade é o processo que proporcionará a criação de uma autoimagem e autoestima do adolescente. A forma como as relações se dão, dirá o tom que o sujeito introjeta, e a forma como realizará a sua construção do "eu" (Zanella e Antony, 2016).

Ao longo dos encontros, muitos alunos trouxeram relatos de situações de *bullying*. Em um encontro, a aluna Rosa disse que alisava o cabelo pois não se identificava com seu cabelo enrolado desde pequena. Ainda completou que, depois de sofrer com o *bullying* de amigos, e perceber que todos ao seu redor usavam o cabelo liso, decidiu incorporar esse estilo à sua identidade. Por isso, ela não se via mais com o seu cabelo natural.

Outro aluno, William, contou sobre diversos episódios de racismo e *bullying* que sofreu durante a sua vida. No encontro em que participou, o tema discutido foi a timidez, e contou a seus colegas que devido a ser muito alto, negro e com muitas espinhas, sofreu violências principalmente no espaço escolar. Ele apontou esses acontecimentos como um fator que potencializou sua timidez ao longo da vida, e abordou a importância de seus amigos na sua saúde emocional, pois foram seu único apoio ao longo do tempo (Silva et. al., 2019).

Outro relato impactante foi de Jones, um adolescente que se autodeclarou pardo. Ele relatou ao grupo uma situação que ocorreu no 7º ano do ensino fundamental, onde após realizar uma apresentação em sala de aula, os colegas o apelidaram de “nikito”, um macaco que estampa uma marca de bolacha. Ele ainda conta que era xingado de “preto” quando era menor, e em razão dessas violências, teve muito medo de que o apelido o acompanhasse em outras escolas que frequentasse (Silva et. al, 2019).

O *bullying* tem sido retratado na literatura como um fenômeno que ocorre principalmente no espaço escolar. Ele se caracteriza pelo uso de agressão (física, verbal ou relacional) de uma pessoa ou grupo contra alguém que esteja em posição de desfavor em relação aos agressores. Sendo a escola um espaço onde a dinâmica social é reproduzida, os relatos de *bullying* também evidenciam como a sociedade atual tem se tornado mais disfuncional no que tange às relações interpessoais (Crochik, 2017; Koenigkam, Gonçalves & Crahim, 2022; Silva et. al., 2019).

Segundo a Gestalt-terapia, para que haja uma diferença de poder, ao longo da modernidade, as relações sociais foram marcadas cada vez mais por relações Eu-Isso, que se configuram pela impessoalidade em relação ao Outro e uma objetificação do ser. A reciprocidade dentro dos relacionamentos é então trocada por uma indiferença pelo próximo e uma constante depreciação daqueles que não estão dentro do que é normalizado pela sociedade (Cremer, 2015).

Simone também trouxe uma situação em que foi chamada de “macho-fêmea”

por seus colegas de sala, e diante dos insultos recebidos, ela decidiu resolver a situação por conta própria. Diferente de seus colegas, Simone revidou a violência sofrida, deixando de ser o alvo para ser a autora da violência (Cremer, 2015).

O *bullying* se repete diante de uma naturalização desse comportamento, que gera uma cristalização das bases relacionais, e promove uma reprodução, por vezes automática, de comportamentos violentos. Então, mesmo quando não haja intenção, quando o sujeito não reflete sobre seus atos, e não toma consciência do que faz, acaba reproduzindo as relações Eu-Iso, e pode oscilar entre as figuras de opressor e oprimido (Cremer, 2015).

Dentre todos os casos de *bullying* já apresentados, é importante ressaltar que três dos participantes (Rosa, William e Jones) são pretos ou pardos. É possível fazer aqui uma relação com o racismo presente nas violências sofridas. Diante da normalização ocorrida na sociedade atualmente, o preconceito funciona como um mecanismo de evidenciar e marginalizar aqueles que fogem do padrão imposto pela classe dominante (Cremer, 2015).

Dessa forma, ao sofrer essa violência e discriminação, os adolescentes começaram a tentar se encaixar de alguma forma ao que é aceito, seja alisando o cabelo, se tornando menos evidente com a timidez, ou se isolando no mundo virtual, como ocorreu com William, que encontrou no jogo on-line o seu ponto de refúgio.

Assim, o *bullying* e o preconceito sofridos durante o seu processo de adolecer provocou mudanças importantes na relação dos adolescentes com a sociedade, proporcionando ajustamentos criativos que podem ser vistos como disfuncionais, pois impactaram negativamente no seu contato com o campo (Frazão, 2015; Santos et. al., 2020). A partir disso, a experiência em grupo promoveu o encontro dos adolescentes e compartilhamento de suas experiências com seus iguais, gerando um fortalecimento de suas redes de apoio (Zanella & Antony, 2016).

### **Ensino remoto e suspensão das aulas presenciais**

Os principais discursos relacionados à pandemia tinham relação direta com o espaço escolar e os desafios enfrentados durante a adaptação ao ensino remoto. Carolina trouxe a dificuldade de acompanhar a antiga rotina da escola durante o momento de distanciamento social. Segundo ela, a falta de rotina inerente a esse momento, fez com que os alunos perdessem o ritmo das aulas e dos estudos que possuíam antes, sendo difícil a adaptação aos horários impostos pela escola.

Além disso, relatava haver um desencontro entre os horários de professores e alunos, quando os profissionais marcavam encontros síncronos em momentos que os alunos não conseguiam participar.

A falta de rotina pode influenciar no processo de adaptação ao ensino remoto e à forma como o adolescente estabelece um ciclo de aprendizado nesse período (Silva & Rosa, 2021). Também é possível analisar que houve uma falta de comunicação entre os professores e os alunos, que em razão da suspensão do ensino presencial, passaram a ter contato apenas por meios digitais (Silva et. al., 2021).

O distanciamento social, além de potencializar sintomas inerentes à pandemia, também distanciou os alunos de um importante espaço de desenvolvimento e aprendizagem (Silva, Oliveira, & Pereira, 2021; Stevanim, 2020). Esse distanciamento foi percebido em outros aspectos. Carolina, relatou que sentia falta das cobranças dos professores, visto que mesmo conversando com os alunos via *Whatsapp*, as falas e comportamentos dos professores não eram tão exigentes como no período anterior à pandemia.

A escola em que a presente pesquisa foi realizada faz parte do sistema estadual de ensino de Minas Gerais, e por isso teve suas diretrizes de educação implantadas através do governo estadual. O governador do estado mostrou-se alinhado às políticas federais de contenção do vírus, ao priorizar a abertura do comércio, em momentos que era recomendado o isolamento social. Entretanto, adotou medidas de contingenciamento em relação às escolas concomitante à flexibilização das esferas econômicas (Silva et.al., 2021).

Devido a uma preocupação voltada principalmente para a manutenção econômica do Estado, as políticas governamentais provocaram inseguranças na comunidade escolar (Silva et.al., 2021). Aliado a isso, a adoção do ensino remoto através da esfera estadual contou com um grande desamparo em relação aos alunos e professores. Isso se deu pela falta de preparo dos profissionais, e pela impossibilidade de acesso democrático às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) e à internet por parte dos alunos (Silva et. al., 2021).

Os alunos de escolas particulares obtiveram uma melhor adaptação para o ensino remoto, principalmente em razão de estrutura qualificada para acompanhamento das aulas. Já os alunos da esfera pública sofreram com a falta de investimentos na educação durante a pandemia, com um importante impacto



negativo na aprendizagem dos alunos (Silva & Rosa, 2021).

Em Minas Gerais, todos os alunos da rede estadual de ensino tiveram acesso a Planos de Estudo Tutorado (PET), um aplicativo elaborado pelo governo denominado “Conexão Escola”, e vídeoaulas através de um programa de TV, o “Se liga na educação”. Todos esses meios foram utilizados como forma de divulgação e meios de aprendizagem dos conteúdos adaptados para cada faixa de aprendizagem, visando democratizar o ensino (Silva et. al., 2021).

Cada escola dentro da rede também poderia montar o seu próprio plano de apoio aos estudantes, visando atender demandas específicas de cada instituição, podendo inclusive oferecer aulas síncronas entre professores e alunos. Os alunos que não tinham acesso à internet e à televisão, tinham a possibilidade de ter seus PET's fornecidos de forma impressa pela escola. Mesmo com essas práticas, o ensino remoto não conseguiu ser realizado por todos os alunos, que apresentaram um atraso quando comparado aos colegas que tinham acesso ao conteúdo on-line ou via televisão (Silva et. al., 2021).

Através das intervenções na escola, os alunos demonstraram decepção frente ao ensino remoto e à aprendizagem ocorrida durante esse período. Em um grupo, Nanci falou que acreditava que aprenderia mais caso as aulas remotas fossem nos moldes das aulas presenciais, com o conteúdo sendo repassado de forma síncrona. Carolina também relatou que a parte boa desse momento (distanciamento social) era ficar em casa, entretanto possuía o sentimento de que estava saindo da escola e não aprendeu algo equivalente ao que era esperado no ensino médio.

Essa “falta” de aprendizagem também influenciava muitos alunos em relação ao futuro profissional, um assunto bastante presente nos grupos. Sabe-se que a adolescência é uma importante fase da vida marcada por grandes escolhas e a aprendizagem frente a novas responsabilidades. Por isso, a escolha profissional era trazida como um dos maiores desafios a serem enfrentados durante esse estágio da vida (Lilienthal, 2013), principalmente quando ela ocorre dentro de um momento de incertezas como a pandemia.

Em razão da grande significação que o ensino superior ganhou ao longo do tempo, os jovens que possuem interesse no ensino superior tendem a querer entrar cada vez mais cedo na faculdade, e por isso podem encarar essa nova etapa em um momento de grande imaturidade e dependência dos pais. Em característica de

ser uma fase de transição, a escolha de uma profissão - que muitas vezes é encarada como eterna, pode gerar incertezas e angústias ao adolescente (Lilienthal, 2013).

Vários adolescentes relataram durante os encontros uma pressão interna para ingressarem em instituições de ensino superior assim que saíssem do ensino médio. Alunas que estavam mais próximas do fim desse período, principalmente aquelas que concluíram essa fase no ano de 2021, mostravam maior insegurança frente a essa escolha, e com medo de serem profissionais ruins, ou não realizarem a escolha certa. As intervenções junto a essas alunas eram voltadas à reflexão sobre o peso da escolha profissional em suas vidas, como também a possibilidade de seguir outras carreiras ao longo da vida adulta.

Durante os encontros, Bel, que tinha 15 anos durante a realização da pesquisa, já trazia uma angústia frente à escolha profissional. Mesmo longe de concluir o ensino médio, a aluna relatava que não conseguia estudar e se sentia horrível e pressionada por isso. Também sofria com a falta de disciplina, e não conseguia estudar e se concentrar, o que a deixava cansada. Não queria se pressionar a fazer faculdade, mas só pensava nisso, e às vezes pensava que “tinha pouco tempo para decidir as coisas, e depois percebia que não era bem assim”.

Nanci também trouxe falas importantes ao longo dos encontros. Ela relatava que a faculdade foi o seu único pensamento durante um tempo, e tinha medo de não conseguir ser suficiente para ser aprovada em um processo seletivo. Também costumava pensar mais no futuro do que no presente. Ao longo do tempo que frequentou os grupos, ela contou sobre a dificuldade de escolher uma profissão, e as possibilidades que tinha pensado. Em um grupo, ela relatou aos coordenadores que tinha vontade de ser cantora, entretanto o fator financeiro era um importante impeditivo, o que tornou o canto seu hobby.

Além das suas dificuldades de criar uma rotina de estudos, ela também apontou a dúvida sobre como seria a sua vida caso não passasse no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), colocando a situação financeira de sua família como um importante fator que impediria uma dedicação total aos estudos. Dessa forma, Nanci mostra uma face de alunos de escola pública quando, ao longo da sua caminhada escolar, precisam considerar suas escolhas a partir de questões socioeconômicas.

A partir disso, a falta de preparo dos professores e a insuficiência dos

conteúdos ofertados durante o ensino remoto aumentam a sensação de insegurança dos alunos, podendo afetar o seu desempenho em processos seletivos que garantem o ingresso em instituições de ensino superior (Singh et. al., 2020). Pode-se concluir então que a falta de investimentos dos órgãos governamentais (estaduais ou federais) na educação durante a pandemia se torna um obstáculo diante do acesso das camadas mais populares às instituições públicas de ensino superior, que são mais concorridas.

### **Intervenções grupais: espaço de cuidado para adolescentes**

Um grande desafio foi a inconstância de participação nos grupos, o que levou à adoção dos grupos abertos como a melhor escolha para as intervenções. Essa modalidade grupal tem como principal característica a possibilidade de entrada e saída de participantes a qualquer momento. As primeiras táticas de divulgação se mostraram ineficientes, visto que no primeiro grupo realizado, houve a presença de três pessoas, em um contingente de cerca de duzentos alunos secundaristas. Assim, foram necessárias adaptações da equipe a esse contexto.

Diante do distanciamento social, todos os encontros grupais ocorreram de forma on-line, sendo a plataforma adotada para a realização dos encontros, um espaço terapêutico. A tele saúde passou a ser uma realidade durante a pandemia da covid-19 (Schmidt et. al., 2020), e por isso, a adoção de grupos síncronos (onde todos estavam presentes ao mesmo tempo, mesmo que virtualmente), foi a melhor alternativa encontrada (Winberg, 2020).

É importante observar que apesar de ser o único caminho disponível, ele ainda se mostra excludente. Como apontado anteriormente, o acesso à internet e a instrumentos de qualidade não é democrático para todos, e por isso, além de sofrerem com a impossibilidade de acesso efetivo às atividades escolares, é possível que muitos alunos não tiveram acesso aos grupos de intervenção em razão de sua vulnerabilidade socioeconômica.

Ao longo do tempo em que a equipe realizou o trabalho na instituição escolar, não houve reclamações desse cunho, entretanto, é preciso atentar-se ao fato de que possivelmente muitos alunos não tiveram a oportunidade de comunicar suas vulnerabilidades e dificuldades de acesso ao grupo terapêutico. Assim, apesar de buscar intervir e promover cuidado a todos os alunos do ensino médio, há a possibilidade de o público-alvo do estudo ter sido delimitado por importantes

questões estruturais em relação ao acesso à internet? Essa se torna uma questão importante para pensar intervenções nesse campo.

Apesar disso, mostra-se importante analisar os conteúdos coletados durante esse processo, e pensar como as intervenções grupais auxiliaram ou afetaram os alunos. Assim como apontado por Zanella & Zanini (2013), o afeto refere-se também àquilo que pode ser repulsivo, sendo uma palavra que tem no cerne de sua significação o poder de produzir alguma reação frente a um fenômeno.

Apesar da divulgação da equipe coordenadora, muitos alunos não sabiam o real significado de um grupo terapêutico, o que pode ter dificultado a adesão dos alunos. Em um encontro, Rosa relatou que tinha gostado da “aula”, e que voltaria mais vezes, pois era legal conversar com outras pessoas.

Essa foi uma questão bastante discutida entre a equipe organizadora e os alunos participantes. Em relação à equipe organizadora, algumas hipóteses foram levantadas. Utilizou-se a plataforma *Google Meet* em razão do conhecimento dos alunos e sua estabilidade durante os encontros. Entretanto, seu uso poderia confundir os alunos, já que ela também era utilizada para os encontros com os professores. Assim, poderia haver uma confusão por parte dos escolares, ao não entenderem os grupos de intervenção como um espaço de escuta que acontecia na escola, mas não era feito por ela.

Quando a equipe coordenadora questionou os alunos sobre a baixa adesão, eles disseram que a explicação poderia vir tanto do fato de alguns alunos trabalharem no mesmo horário dos encontros, como também da dificuldade de conciliar as entregas de atividades com os dias e horários que eram oferecidas as intervenções. Muitos relatos dos alunos eram voltados para a dificuldade de realizar os PET's oferecidos pelo governo estadual, ou até o grande atraso que os alunos tinham para a entrega dessas atividades. Diante disso, entendeu-se que esses fatores também contribuíram com a baixa adesão.

É fundamental a incorporação de práticas de saúde mental para os escolares. Diante do fechamento das instituições de ensino, o oferecimento cuidado a essa população pôde fazer com que os impactos da pandemia fossem minimizados (Silva & Rosa, 2021). O ser humano é relacional, e por isso precisa do contato com o outro para se construir. Quando esse contato ocorre dentro do campo relacional do grupo terapêutico, o indivíduo tem a oportunidade de entrar em contato com diferentes realidades podendo, inclusive, conhecer outros pontos de vista e compreender

outras realidades além da sua (Ciornai, 2016).

Quando esse contato com as diferenças ocorre durante a adolescência, o sujeito é capaz de construir sua subjetividade de forma integrada com a sua realidade, sendo possível adquirir novos valores e pensar em novas possibilidades de vida durante a fase adulta. As intervenções na escola apresentaram um cenário totalmente diferente do que é praticado nas intervenções terapêuticas grupais tradicionais. Ao realizar um processo como esse durante a pandemia, os coordenadores dos grupos precisavam adotar diferentes formas de contato e estabelecimento de *setting* terapêutico para os alunos.

Independentemente dos fatores que dificultaram a adesão dos alunos à intervenção, ao longo dos encontros foi possível entender a significação do espaço grupal para esse público. No grupo de tema “timidez”, Jones apontou que a timidez estava associada à ansiedade e o medo de errar, e isso poderia atrapalhar as pessoas. Mesmo sendo tímido, no grupo não tinha medo de falar o que sentia e pensava, pois ali era um lugar que ele disse se sentir acolhido.

A fala de Jones mostra a importância de um espaço em que o adolescente possa se sentir acolhido e permitir se colocar, possibilitando o erro, com autenticidade e apoio. O grupo apareceu como um espaço de compartilhamento de suas experiências e apoio diante de angústias que os adolescentes viviam nesse momento. Esse processo torna-se então um facilitador para a ampliação da *awareness* do sujeito, que fica mais consciente de si e do seu meio (Cardoso, 2009).

O grupo também se apresentava como um lugar de universalidade e coesão grupal (Ciornai, 2016). Pôde-se perceber isso no grupo sobre timidez. O compartilhamento das experiências de *bullying* e as diferentes violências sofridas pelos alunos, fez com que eles pudessem compreender a perspectiva do outro e inclusive oferecerem apoio aos seus iguais. Assim, os adolescentes não se sentiam sozinhos, e puderam dividir estratégias de enfrentamento frente a esse problema, como também criar novas conexões sociais.

Foi nesses espaços que os alunos puderam refletir sobre acontecimentos do cotidiano e ter a autonomia de escolher sobre o que gostariam de conversar. Diante de um momento em que muitas vezes são tolhidos de escolhas, o grupo foi um espaço de experimentação do que poderiam enfrentar na vida adulta, como também uma forma de entrar em contato com os seus pares, e aprenderem juntos como lidar com suas dificuldades.

Durante o grupo que teve como tema principal LGBTfobia, Valeska trouxe reflexões ricas, apontando como essa violência era alimentada por influências midiáticas e mau uso de princípios cristãos. Foi diante dessa fala que o grupo começou a adotar uma nova perspectiva diante do assunto e a abordar com mais profundidade a origem do fenômeno e como ele poderia ser enfrentado.

O último grupo realizado com os alunos foi pensado como uma forma de despedida da escola e dos participantes mais frequentes durante os encontros. Nele, foi trabalhado junto aos alunos as perspectivas para o que viria após o fim das intervenções, como também um momento de despedida, onde poderiam falar como aquele espaço foi relevante em suas vidas. Apesar disso, era perceptível a tristeza dos alunos frente à notícia do fim dos encontros grupais.

Bel relatou que o grupo foi liberdade, pois ela tinha muito medo de se expressar, e nele se sentiu acolhida. Também percebeu como as pessoas precisam um dos outros, e em como estão ligadas, compartilhando as mesmas experiências, além do grupo ter sido também um espaço de acolhimento e que significou “tudo” para ela, algo essencial que a fez crescer muito. A aluna completou que o projeto a marcou para a vida toda, pois foi o primeiro lugar que viu discussões sobre saúde mental, e a partir disso teve vontade de cursar Psicologia. Por fim agradeceu à equipe, fazendo uma relação com o “sal na comida”, pois o grupo temperou sua vida.

Outro relato interessante foi o de Rosa, falando que o grupo foi algo essencial em sua vida. Disse que quando viu a proposta do grupo não sabia o que era o projeto, mas quando participou achou muito legal, pois sempre aprendia algo ao final de cada encontro. Através deles, conseguiu lidar com várias situações, inclusive a ansiedade. Ainda relatou sobre a gratidão pelas amizades que fez, e que o grupo foi uma boa influência para ela, pois começou a pensar em fazer Psicologia, e ajudar os outros na saúde emocional. No fim de sua fala, disse que admirava os coordenadores do grupo, pois sabia que nem sempre era fácil lidar com jovens.

Vê-se a partir desses relatos que a disponibilização de um espaço próprio para os adolescentes e que pôde ser construído por eles, favorece importantes mudanças na saúde mental dos jovens. A intervenção grupal abordada nesse estudo, também proporcionou para muitos um primeiro contato com o cuidado em saúde mental. Dentro do contexto de pandemia, essa importância ganha outras significações. Através desse espaço os alunos tiveram a oportunidade de entrar em

contato entre si e consigo mesmos, mudando suas percepções de mundo e refletindo sobre as suas possibilidades durante a adolescência.

### **Conclusão**

Diante do que foi apresentado, esse estudo buscou compreender como os adolescentes experienciaram esse estágio da vida durante a pandemia. Entendendo a importância das interações sociais e o risco de exposição dos adolescentes às angústias do momento pandêmico, teve como principal objetivo oferecer um espaço de cuidado e escuta para esse público.

Através desse estudo foi possível entender o cenário de estudantes de uma escola pública de Minas Gerais, durante o período da pandemia de covid-19 e do distanciamento social. Apesar do momento vivido, os alunos tinham como principal conteúdo para discussão seus processos de construção da identidade vividos durante a adolescência.

Apesar de passarem por situações parecidas, foi possível analisar que esse período da vida é plural, sendo vivenciado de forma diferente por cada sujeito e, durante a pandemia, os alunos experienciaram grande dificuldade de lidar não só com os desafios dessa fase, mas também com as incertezas referentes ao fim desse momento, além das inseguranças em relação ao seu próprio futuro. Os discursos dos sujeitos se entrelaçaram com suas realidades, e explicitaram que a sua constituição é perpassada por diversas variáveis, que afetam a sua subjetividade e por consequência a sua saúde mental.

Diante das vulnerabilidades potencializadas durante o período de distanciamento social, o cuidado em saúde mental, mesmo que realizado em um período de três meses, foi percebido como um importante apoio para eles. As intervenções em grupo, que visavam abarcar o maior número de pessoas possível dentro da comunidade escolar, foram um fator importante para a manutenção da saúde mental e coesão junto aos colegas de escola. Também foi apontado como um espaço de conexão e reflexão sobre questões importantes no período pandêmico que iam além do plano escolar.

Dessa forma, entende-se que esse estudo proporcionou um maior conhecimento sobre os adolescentes desse contexto e suas vivências durante o período pandêmico. Entretanto, é necessário observar que ele está inserido dentro de uma realidade social, não podendo ser generalizado para outros contextos. Além

disso, é interessante pensar na importância da inserção de discussões sobre saúde mental em circunstâncias que vão além dos serviços de saúde.

O presente estudo evidenciou a importância de oferecer um espaço de escuta e acolhimento para os adolescentes. Durante as intervenções, os participantes trouxeram à tona temas complexos e sensíveis, se mostrando abertos para conversarem e compartilharem suas angústias, medos, desafios e vitórias.

Muitas vezes, os adolescentes passam a maior parte do tempo de seu dia na escola, sendo esse espaço central em suas vidas. A discussão sobre saúde mental nesses espaços não só auxilia aqueles que estejam em momentos graves, como também cria uma prática de autocuidado, desmistificando-o.

Por fim, torna-se necessário entender o cenário pós pandêmico para os adolescentes, buscando compreender quais os impactos vivenciados no retorno às aulas presenciais. Para isso, é de extrema importância a aproximação entre a escola e os serviços de saúde, trabalhando conjuntamente para entender como a pandemia afetou e afeta esses sujeitos.

### Referências

- Baroncelli, L. (2012). Adolescência: fenômeno singular e de campo. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18(2), 188-196. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672012000200009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000200009&lng=pt&tlng=pt).
- Cardoso, C. L. (2009). Grupos terapêuticos na abordagem gestáltica: uma proposta de atuação clínica em comunidades. *Estudos e pesquisas em Psicologia*, 9(1), 124–138. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/9139>
- CEPEDISA USP (2021). A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da covid-19. *Centro de Estudos e Pesquisa de Direito Sanitário*. [https://cepedisa.org.br/wp-content/uploads/2021/06/CEPEDISA-USP-Linha-do-Tempo-Maio-2021\\_v3.pdf](https://cepedisa.org.br/wp-content/uploads/2021/06/CEPEDISA-USP-Linha-do-Tempo-Maio-2021_v3.pdf)



- Ciornai, S. (2016). Abordagem gestáltica no trabalho com grupos. In: In: Frazão, L. M. & Fukumitsu, K. O. (Orgs.). *A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em gestalt-terapia* (pp. 168-186). São Paulo: Summus.
- Cremer, E. (2015). "Bullying": a violência na escola contemporânea sob o enfoque da abordagem Gestáltica. *IGT rede*, 12 (22), 111-195. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1807-25262015000100007&lng=en&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262015000100007&lng=en&tlng=pt).
- Crochik, J. L. (2017). Autonomy in face of school authority, bullying and school performance. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 34 (03), 389-398. <https://doi.org/10.1590/1982-02752017000300007>.
- Faro, A., Bahiano, M. A., Nakano, T. C., Reis, C., Siolva, B. F. P., & Vitti, L. S. (2020). Covid-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37, 1-14. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>.
- Fernandes, M. B. (2013). A consulta clínica com pais de adolescentes em Gestalt-terapia. In: Zanella, R. (Org.). *A Clínica Gestáltica com Adolescentes: caminhos clínicos e institucionais*. (pp. 31-58) São Paulo: Summus.
- Figueiredo, C. S., Sandre, P. C., Portugal, L. C. L., Mázala-de-Oliveira, T., da Silva Chagas, L., Raony, Í., Ferreira, E. S., Giestal-de-Araujo, E., dos Santos, A. A., & Bomfim, P. O. S. (2021). Covid-19 pandemic impact on children and adolescents' mental health: Biological, environmental, and social factors. *Progress in Neuro-Psychopharmacology and Biological Psychiatry*, 106, 1-8. <https://doi.org/10.1016/j.pnpbp.2020.110171>
- Frazão, L. M. (2015). 4 - Compreensão clínica em Gestalt-terapia: pensamento diagnóstico processual e ajustamentos criativos funcionais e disfuncionais. In: Frazão, L. M. & Fukumitsu, K. O. (Orgs.). *A clínica, a relação*

*psicoterapêutica e o manejo em gestalt-terapia* (pp. 83-102). São Paulo: Summus.

Garrido, R. G., & Rodrigues, R. C. (2020). Restrição de contato social e saúde mental na pandemia: possíveis impactos das condicionantes sociais. *J. Health Biol. Sci.*, 1–9. <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-1102826>

Henriques, C. M. P., & Vasconcelos, W. (2020). Crises dentro da crise: respostas, incertezas e desencontros no combate à pandemia da covid-19 no Brasil. *Estudos Avançados*, 34 (99), 25-44. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.003>

Koenigkam, E. J., Gonçalves, H. L., & Crahim, S. C. S. F. (2022). Bullying no contexto escolar. *Revista Mosaico*, 13(1), 140-151. <https://doi.org/10.21727/rm.v13i1.2827>

*Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990* (1990). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União. Recuperado em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)

Lilienthal, L. (2013). Elementos para a prática da orientação profissional na abordagem gestáltica. In: Zanella, R. (org.). *A clínica gestáltica com adolescentes: caminhos clínicos e institucionais* (pp. 105-124). São Paulo: Summus.

Hsieh, W.-J., Powell, T., Tan, K., & Chen, J.-H. (2021). Kidcope and the covid-19 Pandemic: Understanding High School Students' Coping and Emotional Well-Being. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(19), 1-12. <https://doi.org/10.3390/ijerph181910207>

Ollaik, L. G., & Ziller, H. M. (2012). Concepções de validade em pesquisas qualitativas. *Educação e Pesquisa*, 38 (1), 229-241. <https://doi.org/10.1590/S1517->

97022012005000002

Oliveira, A. J. X., & Machado, L. D. A. (2021). Democracia em crise, o perigo das narrativas populistas e a pandemia de covid-19. *Revista de Movimentos Sociais E Conflitos*, 7(1), 23-40. <https://doi.org/10.26668/indexlawjournals/2525-9830/2021.v7i1.7735>

Oliveira, W. A. de, Silva, J. L. da, Andrade, A. L. M., Michele, D. de, Carlos, D. M., & Silva, M. A. I. (2020). A saúde do adolescente em tempos da covid-19: scoping review. *Cadernos de Saúde Pública*, 36 (8), 1–14. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00150020>.

Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano* (12ed). Porto Alegre: Artmed Editora.

Rocha, M. L. da, & Aguiar, K. F. de. (2003). Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 23(4), 64–73. <https://doi.org/10.1590/s1414-98932003000400010>

Santos, M. A., Silva, P. F. A. L., Nascimento, L. C., & Farinha, M. G. (2020). Psicoterapia de abordagem gestáltica: um olhar reflexivo para o modelo terapêutico. *Psicologia Clínica*, 32(2), 357-386. <https://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0032n02A08>

Schmidt, B., Crepaldi, M. A., Bolze, S. D. A., Neiva-Silva, L., & Demenech, L. M. (2020). Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novocoronavírus (covid-19). *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37, 1-13. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>.

Silva, J. L. da, Komatsu, A. V., Zequinão, M. A., Pereira, B. O., Wang, G., & Silva, M. A. I. (2019). Bullying, social skills, peer acceptance, and friendship among students in school transition. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 36,

1-10. <https://doi.org/10.1590/1982-0275201936e180060>.

Silva, P. de O. B., Oliveira, B. C. R. de, & Pereira, F. H. (2021). “Não consigo acompanhar as aulas”: ensino remoto em Minas Gerais. *Revista Thema*, 20, 315-327. <https://doi.org/10.15536/thema.V20.Especial.2021.315-327.2052>

Silva, S. M. da, & Rosa, A. R. (2021). O impacto da covid-19 na saúde mental dos estudantes e o papel das instituições de ensino como fator de promoção e proteção. *Revista Prâksis*, 2, 189–206. <https://doi.org/10.25112/rpr.v2i0.2446>

Singh, S., Roy, D., Sinha, K., Parveen, S., Sharma, G., & Joshi, G. (2020). Impact of covid-19 and lockdown on mental health of children and adolescents: A narrative review with recommendations. *Psychiatry Research*, 293, 1-10. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113429>

Sola, P. P. B., Oliveira-Cardoso, E. A. de, Santos, J. H. C. dos, & Santos, M. A. dos. (2021). Psicologia em tempos de COVID-19: experiência de grupo terapêutico on-line. *Revista da SPAGESP*, 22(2), 73-88. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702021000200007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702021000200007&lng=pt&tlng=pt).

Stevanim, L. F. (2020). Exclusão nada remota: desigualdades sociais e digitais dificultam a garantia do direito à educação na pandemia. *RADIS: Comunicação e Saúde*, 215, 10-15. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/43180>

Vivenzio, R. A., Amorim, A. E. R., Sousa, J. M. & Farinha, M. G. (2022). Grupo Terapêutico On-line: dispositivo de cuidado para saúde mental de universitários em tempos de pandemia. *Revista de Psicologia*, 13 (2), 71-79. <https://doi.org/10.36517/revpsiufc.13.2.2022.5>

- Zanella, R. & Antony, S. (2016). Trabalhando com adolescentes: (re)construindo o contato com o novo eu emergente. In: Frazão, L. M., & Fukumitsu, K. O. (Orgs.). *Modalidades de intervenção clínica em gestalt-terapia*. (pp. 83-109). São Paulo: Summus.
- Zanella, R. & Zanini, M. E. B. (2013). Atendendo adolescentes na contemporaneidade. In: Zanella, R. (org.). *A clínica gestáltica com adolescentes: caminhos clínicos e institucionais* (pp. 59-76). São Paulo: Summus.
- Zanten, A. V. (2004). Comprender y hacerse comprender: como reforzar la legitimidad interna y externa de los estudios cualitativos. *Educação e Pesquisa*, 30 (2), 301-313. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000200008>
- Zwielewski, G., Oltramari, G., Santos, A. R. S., Nicolazzi, E. M. da S., Moura, J. A. de, Sant'ana, V. L. P., Schilindwein-Zanini, R., & Cruz, R. M. (2020). Protocolos para atendimento psicológico em pandemias: As demandas em saúde mental produzidas pela covid-19. *Debates em Psiquiatria*, 2, 30–37. <http://dx.doi.org/10.25118/2236-918X-10-2-4>
- Weinberg, H. (2020). Online group psychotherapy: Challenges and possibilities during covid-19—A practice review. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 24(3), 201-211. <https://doi.org/10.1037/gdn0000140>